

OLINDA P. GIL

SOBREVIVENTES

coolbooks

Catologação

Zeca era um homem como tantos outros. Era tão comum que não vale a pena perdermo-nos na sua descrição. Não se destacava pela sua beleza, não se destacava pela sua altura. Tinha um emprego que servia bem para a sua economia familiar. O trabalho como catalogador nos escritórios do Ministério da Educação servia na perfeição para a partilha das despesas com a sua esposa, integrada no setor de logística da alfândega. Viviam num T2 com as áreas adequadas segundo as normas e com os móveis enquadrados de acordo com as mesmas. Nos apartamentos antigos era difícil seguir as normas, e as famílias que optavam por esses apartamentos, mais baratos, tinham muitas vezes conflitos familiares. No caso de Zeca não: preferiu pagar mais, mas a sua vida era perfeita. Quer dizer, quase perfeita.

Zeca tinha uma filha de oito anos. Pelas normas deveria ter um segundo filho com quatro anos. Mas a natureza não tinha sido generosa com eles, e a sua

esposa não engravidara depois do nascimento da menina. Passados oito anos as normas já não aconselhavam o nascimento do segundo filho, devido ao excesso de diferença de idades entre irmãos. Zeca e a esposa eram bons seguidores das normas. Preferiram desistir de ter o segundo filho, e agora dedicavam todo o seu tempo livre à menina. Levavam-na a passear em dias de sol, de preferência perto do rio, ou faziam um piquenique no parque. Nos dias de chuva iam ao centro comercial ou visitar os avós.

Zeca e a esposa decidiram viver segundo as normas aconselhadas pelo Estado, porque a vida era muito mais fácil para quem as seguia: os patrões preferiam seguidores de normas, assim como os senhorios. A amizade entre casais também estava mais facilitada, e assim podiam conviver, combinar jantares, férias e passeios sem qualquer problema, sendo que os filhos em idades próximas poderiam brincar juntos.

Havia quem não seguisse as normas, Zeca e a esposa sabiam bem disso e conheciam as consequências, para infelicidade da sua família alargada. O seu cunhado não seguia as normas. Nunca quis casar e foi pai solteiro de uma menina, da mesma idade da deles. Teve sempre dificuldade em encontrar emprego. Trabalhava uns quantos meses e depois ficava desempregado. Os patrões não costumam gostar dele. O cunhado de Zeca, irmão da sua esposa, tinha o terrível defeito de contar anedotas. Os colegas riam. A produção baixava.

A rapariga com quem teve a filha, apesar de mãe solteira, era mais zelosa no cumprimento das normas.

Mas tinha dificuldade em sustentar uma casa sozinha, mais a menina, uma vez que a ajuda do pai era pouca devido à precariedade da sua vida profissional. Nenhum homem a quis como esposa, porque não aceitavam a menina – o desejo deles era terem dois filhos seus, como aconselhado. As dificuldades foram-se acumulando ao ponto de passarem fome. Na escola detetaram as dificuldades e acionaram os trâmites legais na Segurança Social. A menina esteve uns meses numa instituição de acolhimento até a sua custódia ser entregue aos avós maternos. A mãe só a vê ao fim de semana. O pai nunca mais teve autorização para a ver, e espreita-a ao longe, escondido. Já foi preso duas vezes por causa disso. A família do pai nunca mais pode ver a menina.

Zeca lamenta a situação, pois reconhece que uma priminha da mesma idade da sua filha poderia ser muito bom para ela. Poderiam ser muito amigas e partilhar muitas coisas. A sua esposa não tem assim tanta pena. Acha que a outra menina poderia ser uma má influência.

No Ministério da Educação o seu trabalho decorria dentro da normalidade. Já conhecia bem o serviço, os colegas e os chefes. Nunca havia surpresas.

A sua função era catalogar os materiais didáticos de língua materna da instrução primária. Havia um conjunto de especialistas que se dedicavam apenas à função de elaborar materiais didáticos. Em seguida enviavam os trabalhos para o ministério e ele era um dos catalogadores. Todos os trabalhos eram

catalogados de acordo com o tema abordado, dificuldade e competências a desenvolver.

Um dia o chefe chamou Zeca ao seu gabinete. Isso era comum quando era pedido aos funcionários um trabalho diferente, especial ou extra. Também eram chamados para serem promovidos, mudados de função ou despedidos. Um funcionário regular só costumava ser chamado ao gabinete do chefe para falar em particular de dois em dois anos. Era a única surpresa que tinham se tivessem uma carreira de acordo com as normas. Zeca foi expectante: sabia que era bom funcionário, sabia que gostavam dele, portanto, ou se tratava de uma promoção, ou de um trabalho especial ou extra.

– Um trabalho especial, meu caro! Apesar de ser catalogação. Não se preocupe que não tem dificuldade nenhuma. Venha comigo que no local lhe explico melhor.

Desceram o elevador até à cave do edifício do ministério. Na cave ficava o estacionamento dos veículos dos chefes, uma vez que os funcionários comuns só circulavam de transportes públicos. Também havia armazéns, onde se guardavam secretárias, cadeiras, estantes que deixaram de fazer falta, mas que ainda poderiam ter utilidade de futuro. O chefe abriu uma das portas do armazém. O que haveria ali para catalogar? Zeca descobriu assim que a luz foi acesa.

Em estantes acumulavam-se livros mal arrumados. Pareciam ter sido para ali atirados. O cheiro era nauseabundo, confirmando as teorias dos peritos acerca

da acumulação de fungos no papel, prejudiciais à saúde humana.

Zeca nunca tinha visto livros em toda a sua vida. Mas já ouvira falar deles. Os seus avós contavam que na sua infância ainda tiveram a sua instrução em livros, no tempo antes das normas terem sido estabelecidas. Descobriu-se que o papel era prejudicial à saúde física e a leitura à saúde mental. A maioria dos livros descrevia situações que não estavam de acordo com as normas e lê-las poderia causar angústia, terror, alucinações, tristeza profunda ou euforia desmesurada. Tudo situações que prejudicavam a vida familiar e profissional das pessoas. Esta era uma das causas para toda a destabilização da sociedade antes da institucionalização das normas.

Os seus avós contaram-lhe que na altura houve muitas pessoas revoltadas com o desaconselhamento da leitura. Em especial aquelas que faziam da leitura a sua principal ocupação de tempos livres e aquelas que ganhavam dinheiro com os livros. Mas aos poucos foram-se acostumando, conforme ocupavam o seu tempo livre de acordo com os conselhos das normas, ou, no caso dos outros, foram arranjanado outras formas de se sustentar. Outro ponto de discórdia estava na educação. As pessoas estavam tão habituadas aos livros que nem imaginavam que se poderia aprender de outros modos. Fez-se referência aos antigos métodos em tabuinhas de cera e de ardósia e as pessoas começaram a aceitar o uso generalizado das tabuinhas digitais, na altura conhecidas por *tablets*.

– Zeca, têm sido feitos estudos há muitos anos, estudos que tinham tido início antes do aconselhamento das normas, que indicam a literatura como o melhor modo de aprendizagem da língua materna. Como podes calcular estes resultados são difíceis de conciliar com as normas. Não queremos de todo prejudicar a saúde das nossas crianças nem destabilizar as famílias. Os peritos chegaram à conclusão de que o melhor modo de solucionar o problema é retirar dos textos literários frases isoladas, inofensivas, que possam ser trabalhadas pelos especialistas didáticos e pelos professores. Como pode ver, há muito material. Aqui encontram-se livros destinados a crianças nas faixas etárias correspondentes à instrução primária. Outros funcionários, como tu, dedicar-se-ão a livros para outras idades. O que tens a fazer é catalogá-los como fazes aos materiais didáticos. É um pouco mais difícil, mas não é impossível. O nosso objetivo final é que, depois da catalogação, os especialistas didáticos possam aceder a este material e usá-lo nos seus trabalhos.

Nos dias seguintes, quando Zeca chegava ao trabalho, picava o ponto e dirigia-se para a cave. De início não gostava, porque o cheiro dos livros velhos o enjoava. Tinha de ler os textos, e desagradava-lhe verificar que havia tantas histórias em desacordo com as normas. Mas aos poucos foi apreciando todo aquele material vindo de um mundo antigo, como se se tratasse de material de um museu.

Havia muitos tipos de livros diferentes. Havia livros

que falavam de história, de ciência, dos animais, e estes estavam na sua maioria muito desatualizados de acordo com as descobertas e estudos que tinham sido feitos desde a altura em que foram escritos. Havia livros algo extensos, até mesmo para crianças, com aventuras vividas por outras crianças, quer neste mundo, quer em mundos imaginados, onde existiam espécies diferentes de pessoas e animais, e tecnologias impensáveis na Terra. Havia histórias que não eram de aventuras, que relatavam acontecimentos imaginados na vida de crianças, na sua maioria infelizes, mas cujos problemas se resolviam no final do livro. Tudo situações que hoje era difícil acontecer se as pessoas vivessem segundo as normas. Recordou-se diversas vezes da sobrinha da sua esposa e sentiu um aperto no coração. Esperava que essa menina também tivesse um final feliz.

Depois havia muitas histórias que se repetiam. Ora estavam em livros pequenos, ora em livros maiores que coligiam várias dessas histórias. Por vezes eram contadas de modo diferente, mas percebia-se que se tratava da mesma história. Eram histórias em que não se discernia a época, apesar de começarem muitas vezes por indicar que se passavam em épocas muito antigas. Também não se entendia em que local se passavam, apesar de se dizer que se tinham passado em reinos muito distantes. Nessas histórias, muitas das vezes, aconteciam e existiam coisas que não correspondiam de todo à realidade. Eram coisas imaginadas.

Zeca gostava muito dessas histórias. Havia algumas que estavam em grande desacordo com as normas,

como uma que relatava a história de dois meninos abandonados pelos pais. Como poderiam uns pais decentes, cumpridores das normas, ter tal gesto? Recordava-se de outras em que não era assim tão claro o desacordo. Que culpa teria um casal da filha ter sido infetada por uma doença que a adormeceu? A culpa de não ter convidado uma pessoa desagradável para o batizado da menina? Eles até tinham agido bem em não convidar a senhora, já que era de má índole.

Mas de uma coisa tinha a certeza: eram histórias que poderiam tocar profundamente uma criança. Poderiam mesmo assustá-la, causar-lhe pesadelos. As crianças não têm necessidade de perder noites preocupadas. Para isso chegam os adultos.

Contudo, a sua menina costumava ter muitos pesadelos, sem que os pais encontrassem explicação para tal. Levavam a vida segundo as normas, a menina devia andar sossegada. Já a tinham levado ao médico, que dizia ser consequência do desenvolvimento rápido que estava a ter. Com o tempo a situação iria acalmar. Mas a menina continuava a acordar a meio da noite, a chorar porque tivera sonhos maus.

– Pai, não me deixes aqui sozinha – pedia-lhe muitas vezes quando era ele que a ia aquietar. – Fala comigo até eu adormecer. – Uma das coisas que mais a atormentava era adormecer sozinha depois de um pesadelo.

– Mas o que sonhaste para ficares assim?

– Sonhei que tu e a mãe morriam. – O que lhe havia de dizer? Era um medo legítimo. Também ele tinha medo de a perder.

– Canta-me uma música. – Por que razão naquela noite ela não conseguia adormecer? A mãe costumava tagarelar-lhe melodias, mas ele não sabia cantar de modo nenhum.

– La la la la... – tentou, desastroso.

– Cantas tão mal, pai! – E ambos riram.

– Sabes, os meus avós contaram-me que quando eles eram pequeninos as músicas tinham palavras. Às palavras chamavam poemas, e às músicas com palavras chamavam canções.

– O mundo dos teus avós era tão estranho!

– Era o mundo antes das normas terem sido escritas. Antes disso eram muitas as pessoas que sofriam e que eram infelizes.

– Mas pai, as canções deviam ser coisas bonitas. Porque é que as normas não as aconselham?

– Porque nem todas as coisas bonitas são boas para as pessoas – disse, sem estar certo do que dissera. Àquelas horas da noite, e cansado, já não tinha a certeza de nada.

– Que outras coisas bonitas havia para além das canções?

– As histórias.

– Histórias. O que eram?

– Bem, as histórias contavam coisas que tinham acontecido a meninos e meninas.

– Coisas boas ou más?

– As duas coisas.

– Pai, acho que gostava de te ouvir contar uma história.